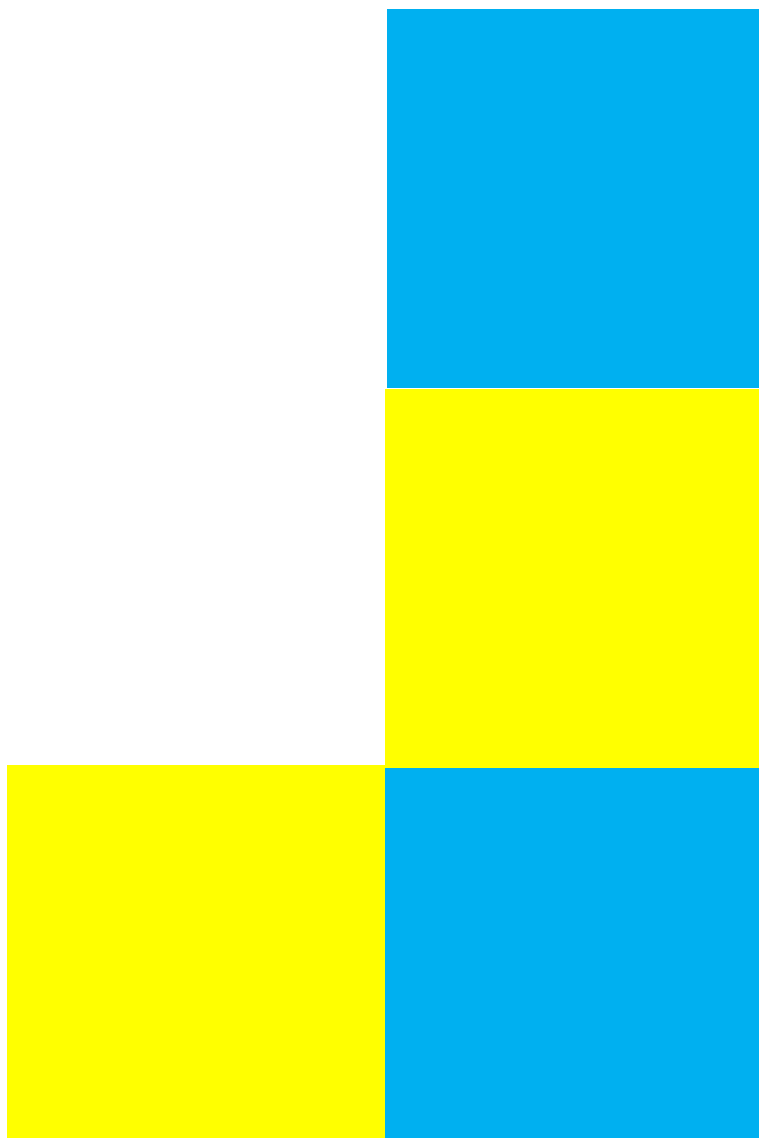


# Sobre as máquinas

Félix Guattari

Tradução de Murilo Duarte Costa Corrêa

*Professor Adjunto de Teoria Política da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG.*



O tema da máquina me habita há muito tempo, e talvez menos como um objeto conceitual do que como um objeto afetivo. Sempre me chamou à atenção, e eu sempre fui fascinado pela máquina. Quando eu estudava na *Sorbonne*, lembro-me de ter feito uma apresentação sobre *Le travail en miettes* de Friedmann, e do olhar horrorizado do professor, enquanto eu lançava invectivas contra Friedmann; naquela época, eu era muito virulento contra as visões mecanicistas da máquina. Eu pensava, atraído quem sabe pelo cientismo, que se podia esperar da máquina um tipo de salvação. Consequentemente, eu tentei alimentar esse objeto maquínico. Devo confessar que não se trata de algo que eu domino, mas de um tipo de núcleo ao qual eu sou levado de volta em ciclos. O último foi desencadeado pelo livro de Pierre Lévy, *Les technologies de l'intelligence*, no qual tive a surpresa de encontrar uma reativação dessa temática em um registro que é o seu: o das tecnologias informáticas. Dito de outro modo, eu reivindico o direito a essa forma de pensamento que procede por eixos afetivos, por afetos, mais que um pensamento que pretende fornecer uma descrição científica, axiomática. Repito, trata-se de uma temática totalmente aberta e eu adoraria que ela assim permaneça durante a discussão, a fim de perceber os ecos que esse tipo de reflexão pode despertar.

Encontramo-nos atualmente em uma inevitável encruzilhada, que é aquela do anátema lançado contra a máquina, acompanhado da ideia de que as tecnologias nos conduzem a uma situação de inumanidade, de ruptura com todo projeto ético. De fato, a história contemporânea reforça essa perspectiva maquínica catastrófica, com as degradações ecológica e outras. Poderíamos, dessa forma, ser tentados a recuar para antes da era maquínica, a fim de retornar a não sei qual territorialidade primitiva.

Pierre Lévy utiliza essa fórmula, a meu ver muito feliz: “tentar derrubar a grade de ferro ontológica entre o ser e as coisas”. Me parece que um dos meios de derrubar essa grade de ferro, problema que habita toda a filosofia até Heidegger, talvez seja essa interface maquínica, ou essa máquina concebida como interface, que Pierre Lévy chama de “hipertexto”. Na verdade, para sair dessa fascinação pela técnica, e da dimensão mortífera que ela por vezes adquire, é preciso reapreender, reconceptualizar

diferentemente a máquina, para partir do ser da máquina como daquilo que está na encruza: tanto o ser na sua inércia, seu caráter de nada, quanto o sujeito, a individuação subjetiva ou a subjetividade coletiva. Esse tema está presente na história da literatura e do cinema, nos mitos, como aquele de uma máquina habitada por uma alma e possuidora de um poder diabólico. Não é exatamente o retorno a uma concepção animista que eu proporia, mas, sim, tentar considerar que, na máquina, na interface maquínica, existe algo que seria, não da ordem da alma, humana ou animal, *anima*, mas da ordem de uma protosubjetividade. Quer dizer que há, na máquina, uma função de consistência, de relação consigo e de relação com uma alteridade. É segundo esses dois eixos que eu tentarei ir mais além.

Partamos do mais simples, do que foi há pouco compreendido, a ideia de que o objeto técnico não pode ser limitado à sua materialidade. Há na *technè* elementos ontogenéticos, elementos de esquema, de construção, relações sociais que amparam essas tecnologias, um capital de conhecimento, relações econômicas e, pouco a pouco, toda uma série de interfaces no seio das quais se insere o objeto técnico. A partir dessa concepção, é possível estabelecer uma ponte entre uma máquina tecnológica de tipo moderno e as ferramentas ou as peças mesmas da máquina, e considerá-los como tantos outros elementos que se conectam uns aos outros. Desde Leibniz, dispomos do conceito de uma máquina articulada, de modo que hoje qualificaríamos de fractal, com outras máquinas, elas mesmas compostas de elementos maquínicos ao infinito. Assim, aquém e além da máquina, o ambiente da máquina faz parte de agenciamentos maquínicos. O elemento liminar de entrada na área maquínica passa por certo alisamento, a uniformização de um material, como o aço que é tratado, desterritorializado e uniformizado para se moldar às formas maquínicas. A essência da máquina está ligada aos procedimentos que desterritorializam seus elementos, seu funcionamento, suas relações de alteridade. Falaremos de uma relação de ontogenia da máquina técnica, que a faz abrir-se ao exterior.

Ao lado desse elemento ontogenético, há uma outra dimensão que é filogenética. As máquinas tecnológicas estão unidas em um *phylum* em que algumas

máquinas as precedem e outras lhes sucedem. Elas sobrevivem por gerações – como as gerações de automóveis –, cada uma abrindo a virtualidade de outras máquinas por vir. Por meio de um ou outro dos seus elementos, elas carregam uma junção com todas as filiações maquínicas do futuro.

Essas duas categorias de ontogênese e de filogênese aplicadas ao objeto tecnológico permitem-nos fazer uma ponte com outros sistemas maquínicos que, em si, não são tecnológicos. Geralmente, na história da filosofia, o problema da máquina é tomado como um problema secundário de uma questão mais geral, a da *technè*, das técnicas. É aqui que eu proporia uma reversão de ponto de vista, no sentido de que o problema da técnica não seria mais que um subconjunto de uma problemática maquínica muito mais vasta. Essa “máquina” é aberta para o exterior, para o seu meio ambiente maquínico, e entretém todos os tipos de relações com componentes sociais e subjetividades individuais. Tratar-se-ia de ampliar esse conceito de máquina tecnológica no sentido do conceito de **agenciamentos maquínicos**, categoria que engloba tudo o que se desenvolve como máquina em diferentes registros e suportes ontológicos. Aí, ao invés de ter uma oposição entre o *ser* e a máquina, o *ser* e o sujeito, essa nova concepção da máquina implica que o *ser* se diferencia qualitativamente e se desenrola em uma pluralidade ontológica, que é o próprio prolongamento da criatividade de vetores maquínicos. Ao invés de ter um *ser* como traço comum que habitaria o conjunto dos entes maquínicos, sociais, humanos, cósmicos, temos, ao contrário, uma máquina que desenvolve **universos de referência**, universos ontológicos heterogêneos, marcados por viragens históricas, um fator de irreversibilidade e de singularidade. Não darei aqui uma descrição exaustiva de tudo isso; seria longo demais.

Ao lado da ferramenta protomaquínica e das máquinas tecnológicas, há os conceitos de máquinas sociais. Por exemplo, a cidade é uma megamáquina. Ela funciona como uma máquina. Teóricos da linguística, como Chomsky, apresentaram o conceito de “**máquina abstrata**” habitando as máquinas linguísticas ou sintagmáticas. Hoje, muitos biólogos falam de máquina para se referirem à célula viva, ao órgão, à individualização e mesmo ao corpo social. Também aí o conceito de máquina tende a se impor. Máquinas

matemáticas, de Turing. No domínio das idealidades – outro universo de referência –, também assistimos a uma ampliação do conceito de máquina. Máquina musical. Muitos músicos contemporâneos desenvolvem essa noção. Máquina lógica, máquina cósmica, uma vez que certos teóricos dizem que o ecossistema terrestre é o equivalente de um ser vivo, ou de uma máquina, no sentido amplo em que emprego aqui. Para remeter a um passado que já dista vinte anos, nós podemos evocar as **máquinas desejan**tes, que retomam a teoria dos objetos parciais psicanalíticos – do objeto “a” como máquina desejante –, mas sob a forma de elementos não-redutíveis a objetos adjacentes ao corpo humano. Trata-se, ao contrário, de objetos de desejo, de máquinas de desejo, de objetos-sujeitos de desejo e de vetores de subjetivação parcial que se abrem para muito além do corpo e das relações familiares, a conjuntos sociais, cósmicos e a universos de referência de toda natureza.

No campo da biologia, o conceito de máquina foi recentemente desenvolvido por teóricos como Umberto Maturana e Francisco Varela. Aí, a máquina é definida pelo conjunto das inter-relações de suas próprias componentes. Eles trazem uma definição que é próxima daquela de uma máquina abstrata, e que descreve a máquina como autopoietica, autoprodutora, e que reproduz de forma permanente suas componentes como um sistema sem *input* ou *output*. Varela desenvolve bastante essa teoria. Ele opõe, na sua concepção, a autopoiese, que ele atribui essencialmente aos seres vivos biológicos, a uma alopoiese em que a máquina vai buscar suas componentes no exterior de si mesma. Em verdade, no seu conceito de alopoiese, ele classifica os sistemas sociais, as máquinas técnicas e, por fim, todos os sistemas maquínicos que não são sistemas vivos. Tal conceito de alopoiese me parece muito interessante e frutífero. Todavia, eu penso que se deveria ultrapassar a perspectiva de Varela e estabelecer um vínculo entre as máquinas alo e autopoieticas. As máquinas alopoieticas encontram-se sempre em adjacência às máquinas autopoieticas, e deve-se então ter em consideração os agenciamentos que as permitem viver juntas.

Uma outra ideia, emprestada de Pierre Lévy, é que os sistemas maquínicos são interfaces que se articulam umas às outras – naquilo que ele chama de hipertextos –, e

que, pouco a pouco, cobrem o conjunto da “mecanosfera”. Por fim, eu gostaria suscitar o encontro entre as perspectivas de Varella e de P. Lévy, a fim de considerar a máquina a um só tempo em seu caráter de autopoiese e em todos os seus desenvolvimentos alopoiéticos, de interfaces, que lhe conferem um tipo de política exterior, relações de alteridade. Em seu primeiro livro, *La machine univers*, Pierre Lévy fazia referência a Varella; no segundo, paradoxalmente, ele já não está em questão. Eu imagino que isso ficará para uma terceira obra.

A máquina tem algo mais do que a estrutura. Ela é “mais” que a estrutura porque ela não se limita a um jogo de interações, que se desenvolvem no espaço e no tempo, entre suas componentes, mas ela possui um núcleo de consistência, de insistência, de afirmação ontológica, que precede este desdobramento em coordenadas energético-espacio-temporais. Esse núcleo maquínico que poderíamos qualificar, sob certo ponto de vista, de protosubjetivo, protobiológico, possui características. Elas são, por um lado, elementos de onto ou de filogênese, mas também de finitude. A máquina é portadora de uma finitude, de algo da ordem do nascimento e da morte – daí a fascinação que ela pode exercer como máquina explodida, destruída, em implosão, portadora da morte ao exterior, mas também por si mesma.

Esse foco de insistência autopoietica e de desenvolvimento de uma alteridade heterogenética – que desenvolve registros de alteridade – é difícil de descrever ou de definir. Não é um existente que se afirma no desdobramento de coordenadas energético-espacio-temporais. Como abordar tal objeto, senão por intermédio do mito, da narrativa, isto é, de meios não-científicos? Eu penso que esse núcleo maquínico está sempre, de certo modo, ligado a sistemas de metamodelização que convocam a um desenvolvimento da teoria. Dou apenas uma indicação que não desenvolverei, porque isso será retomado futuramente em uma obra com Gilles Deleuze. Esse núcleo de afirmação autopoietica e interestrática, de abertura ao exterior, implica uma concepção da complexidade considerada segundo coordenadas de fato “extra-ordinárias”. A complexidade do objeto maquínico se realiza e se encarna nos diferentes sistemas maquínicos que evoquei antes. Ao mesmo tempo, ela é sempre assombrada pelo caos que virá dissociá-la, dispersando os

seus elementos em uma decomposição de natureza diversa. Como se esse ser autopoietico, essa protosubjetividade maquina, estivesse a um só tempo no registro da complexidade e no registro do caos. Eu acho que é preciso considerar o caos como sendo não apenas caótico, mas podendo, em suas composições de elementos e de entidades, desenvolver fórmulas de uma complexidade extrema. Tomemos um sistema aleatório como o jogo de cassino. Se você aposta nas pretas e nas vermelhas, pouco a pouco você tem a impressão de [estar diante de] um sistema caótico que forma composições aleatórias, que não admite qualquer compreensão cognitiva. Mas se você joga por longos períodos, você vê aparecer séries cujos cálculos estatísticos permitem situar as composições complexas. Esse sistema aleatório faz então notar uma certa descrição matemática. O mesmo acontece com o caos. O caos é o portador de dimensões da maior hipercomplexidade. Conhecemos o mito segundo o qual sorteando letras ao acaso é possível encontrar a fórmula da obra poética de Mallarmé. Será preciso esperar bastante. No entanto, a obra de Mallarmé habita potencialmente este universo caótico de combinações múltiplas entre as letras.

Como fazer coabitar essas duas dimensões, da complexidade e do caos? Simplesmente considerando que as entidades que habitam o caos são animadas por uma velocidade infinita. Elas podem então compor os complexos diferenciados, mas se descomplexificar com a mesma velocidade. Essa ideia de uma velocidade infinita chega a uma concepção do caos que pode ser portadora da complexidade. É nesses focos caóticos que virá inserir-se essa protosubjetividade que pode, por sua vez, estar em adjacência com uma dissociação caótica, com sua própria morte e com composições infinitamente complexas. Eis o que chamo de um “**grasping caótico**”: apreensão instantânea da complexidade, habitada por toda sorte de potencialidades. E eu chamarei “hipercomplexidade” a essa complexidade que é mais assumida que realmente dominada, e que se encontra em uma relação de insistência, de repetição.

Na teoria estruturalista do significante, as diferentes componentes de um sistema podem ser todas tratadas nos termos de uma economia do significante. Sempre encontramos um sistema de quantidade de informação ou um sistema binário que habita

os diversos sistemas heterogêneos. No modelo que proponho, não existe tradução entre os diferentes níveis de complexidade. Eles são portadores do seu substrato ontológico.

Tomemos como exemplo a definição do fantasma na teoria da pulsão freudiana. Ela comporta um elemento discursivo que é o elemento representativo, fantasmático, narrativo, e então um elemento não-discursivo, o afeto. É difícil, aliás, apreender como Freud resolvera essa contradição no seio da sua definição de pulsão. Os estruturalistas, por sua vez, praticamente esvaziaram a dimensão do afeto para se aterem exclusivamente aos elementos discursivos. Aí, a pulsão é tratada em termos de economia do significante.

Na concepção da máquina que evoco aqui não se dissocia a discursividade desse foco não-discursivo, que corresponde ao de sua afirmação autopoiética. Essa explosão da categoria do significante é perfeitamente perceptível na economia da imagem, do imaginário ou das cadeias biológicas, domínios em relação aos quais o significante permanece estrangeiro. É assim que a economia do significante em Lacan se desenvolve sempre em uma dimensão de linearidade, em uma dimensão espacial. Vocês conhecem essa fórmula: “um significante representa um sujeito para um outro significante”. O sujeito é então apreendido “em uma relação”. Um lócus significante dado, S1, existe em uma dada relação com um outro lócus significante dado, S2, e o sujeito flutua em um tipo de vazio entre os dois significantes S1-S2. Essa linearidade vai habitar o conjunto das concepções da subjetividade. O caráter espacial se encontra por toda a obra de Lacan, no estádio do espelho, mas também em todas as concepções do eu que ele desenvolverá mais tarde. Eu considero que, ao nos limitarmos a essa coordenada, perdemos precisamente o elemento maquínico nuclear, de autopoiese e de autoafirmação subjetiva. Que ele se situe no nível do indivíduo completo ou da subjetividade parcial, ou ainda da subjetividade social, esse elemento passa precisamente pelo âmbito do afeto, de uma relação **pática**. O que nos faz dizer, em uma visão fenomenológica, que há algo de vivo? É uma relação de afeto. Não é uma descrição, nem uma análise proposicional proveniente de uma série de hipóteses e de deduções: então é um ser vivo, então é uma máquina. Há uma apreensão pática imediata, não discursiva da relação de autocomposição ontológica da máquina.



Os códigos naturais se desenvolvem em categorias espaciais diferentes daquelas do registro signifiante. Eles conhecem  $n$  dimensões espaciais, como, por exemplo, na cristalografia. Não há autonomização de um operador de código. Os códigos biológicos se desenvolvem em sistemas complexos de espaço. O sistema de dupla hélice do DNA o faz a partir de quatro radicais químicos de base, e portanto em três dimensões. Nas semiologias pré-significantes ou simbólicas, as linhas de expressão são paralelas. No cinema, por exemplo, há linhas de expressão: a linha sonora, a linha visual, da cor... Não se trata de falar de sintaxe ou da chave que tornaria homogênea a relação entre essas diferentes linhas. Não há senão um certo paralelismo. O mesmo se aplica para todas as semiologias pré-significantes ou simbólicas. Por exemplo, nos rituais de sociedades arcaicas, encontramos formas de expressão que são proporcionadas seja pela linguagem, uma forma de mito ou de ritual, seja por disposições no espaço como a geomancia ou a dança, seja [ainda] por inscrições sobre o corpo... Essas linhas semiológicas não deixam de entreter relações recíprocas, uma vez que elas possuem uma unidade maquínica, que é a de uma máquina social do ritual; mas elas não estão completamente articuladas umas com as outras; elas são como que postas em paralelo.

Com as semiologias significantes, prevalece, ao contrário, uma linearidade que controla o conjunto das linhas de expressão. Essa relação de linearidade vai encontrar seu acabamento na informática. Uma mesma linha signifiante poderá dar conta de um texto verbal, como de uma imagem ou de relações espaciais... Há “binarização”, conversão sob forma binária do conjunto dos sistemas de discursividade. Por outro lado, nessa semiologia signifiante, os diferentes universos de referência ontológicos, autopoieticos, maquinais, são inteiramente negligenciados.

Sem dúvida existe também uma sobrelinearidade das cadeias semióticas pelos elementos a-significantes, aqueles que já não articulam cadeias produtoras de significação com cadeias de signos a-significantes. Por exemplo, há uma pura composição de máquinas a-significantes nos domínios científico, ou musical. Um outro tipo de economia aparece assim nas relações que regem as componentes de expressão que se poderia chamar de “sobrelinearidade”.

Por meio desses exemplos, há pouco evocados, vê-se que a relação que os sistemas de código ou de registro semiológicos e semióticos possuem com o espaço não é nada homogênea. Hoje, poderíamos ter a ilusão de que a informática saberia dar conta das diferentes componentes de código e de expressão e delas dar uma tradutibilidade generalizada. Não é nada disso. Esses diferentes sistemas de código são sempre habitados por núcleos de afirmação e de posicionalidade autopoieticos do sistema de expressão. Então, o sistema de expressão é sempre segundo em relação a um foco não-discursivo do núcleo ontológico.

Agora seria preciso falar dessa heterogeneidade ontológica que representa esses universais de referência encarnados em diferentes sistemas de discursividade e de qualquer forma tributários deles. Como temos acesso a isso? Estamos diante de um paradoxo. Nós nos encontramos lançados em sistemas discursivos, relações de tempo, de espaço e de trocas energéticas e, no mesmo momento, lidamos com focos de afirmação existencial que são não-discursivos. O paradoxo pretende que seja por meio de um material discursivo que devemos poder fornecer, não uma representação, mas uma presentificação existencial de tais focos.

Na esfera da poesia, é o ritmo, os elementos de regularidade, tanto no nível da expressão quanto no do conteúdo, que desenvolverão certo universo poético. É chave da existência de uma encruzilhada ontológica entre a poesia e a música. No campo da psicanálise, são os objetos, sistemas repetitivos, portanto discursivos, que são os suportes existenciais de focos de afirmação subjetiva. Por exemplo, na neurose obsessiva, encontramos uma repetição infinita da lavagem das mãos que não remete a qualquer significação do tipo “o que significa lavar as mãos? E os micróbios?”. Tudo é co-presente. O indivíduo recompõe-se, aqui, realizando esse ritual. Ele se reafirma em uma componente de subjetividade parcial: sentir-se-ser-nessa-lavagem-de-mãos. A neurose obsessiva talvez não seja o exemplo mais simples. Certos comportamentos têm a mesma função. O fato de roer as unhas, de cantarolar mentalmente quando se tem medo, ou de repetir uma frase (como um testemunho), tudo isso representa um meio de “apreender” essas relações não-discursivas. Esta é uma função que eu chamo de existencial.

Ela aparece nos sistemas semióticos e os linguistas descreveram parte dessa função. Eu penso em teóricos como Austin, Ducrot, Benveniste, que acentuaram os “shifters”, os elementos da linguagem que estão lá, não para aportar uma significação, mas para marcar, no enunciado, a pegada do sujeito da enunciação. Lacan também fez uso dessa função performativa. De certo modo, é por meio desse tipo de operador que ele construiu sua teoria da fala plena e da relação simbólica. Recomendo, a esse propósito, um livro de R. Jakobson<sup>1</sup>, mestre absoluto de Lacan, que aborda muito bem esse aspecto das coisas.

Encontramo-nos diante de um paradoxo insustentável que somos obrigados a sustentar. Aliás, todo mundo está nessa posição. Todas as sociedades terão de fazer essa aposta, em particular as sociedades animistas ou científicas. Nós devemos fazer universos referência, estruturas qualitativas, texturas ontológicas a partir de elementos de discursividade. Temos, então, de produzir, de desenvolver **universos incorporais** que, mesmo datados ou marcados pelo nome próprio de seu inventor, são universais. Eles poderiam invocar ideias platônicas e, no entanto, eles estão inscritos na história. São cortes, mutações marcadas por um fator de irreversibilidade, de singularidade.

P. Lévy opera grandes distinções entre as máquinas que destacam o oral ou o escrito, e as máquinas informáticas. No universo da máquina de processamento de texto – que altera completamente a relação com a expressão –, ele nota as interfaces que compõem, que singularizam esse novo universo de referência: a escrita, o alfabeto, a imprensa, a informática, a tela catódica, a impressora a laser, o linótipo, os bancos de dados, o banco de imagens digitais, as telecomunicações... Eis aí uma nova máquina. Hoje, as crianças que aprendem a língua por meio da máquina de processamento de texto já não estão nos mesmos tipos de universos de referência, nem de um ponto de vista cognitivo (de que forma há uma outra organização da memória, ou melhor, das memórias...), nem na mesma ordem das dimensões afetivas, das relações sociais ou éticas.

---

1 *Essais de linguistique générale*. Minuit, 1963.

O que esse tipo de delírio maquínico aporta? Tomemos um objeto institucional, por exemplo, um estabelecimento que acolhe pacientes psicóticos. É possível reificar completamente as relações intersubjetivas dizendo: o paciente psicótico vem buscar cuidados junto a indivíduos que possuem um saber, que vão administrar medicamentos, interpretações, indicações comportamentais para tratar a psicose. É toda uma concepção da subjetividade em que cada um está fechado dentro de sua mônada e que, em um segundo momento, obriga a construir meios de “comunicação”. É o universo da “referência comunicacional”. É preciso inverter essa perspectiva e jamais partir de entidades fechadas umas com relação às outras, porque isso implica a intervenção de modos de “comunicação” e de “transferência”. Ao contrário, a transferência deve ser primeira, ela já deve estar aí. Haverá máquina de subjetivação (ou não) de acordo com o fato de haver ou não abertura de diferentes limiares e insistência ontológica, subjetiva. Nesse momento, nessa relação autopoietica, existe um conhecimento imediato e pático da situação, “algo acontece”. Uma vez que uma máquina amorosa ou uma máquina de medo funciona, isso não se deve ao efeito de frases discursivas, cognitivas ou dedutivas. Isso está dado de início. E essa máquina vai desenvolver progressivamente diferentes meios de expressão.

A clínica de *La Borde* é um estabelecimento concebido (em princípio) como uma máquina de subjetivação que, ela mesma, é composta  $n$  subconjuntos de subjetivação. Desde o seu ingresso, suas relações de subjetivação devem funcionar entre o paciente e aquele que o acolhe. Outros tipos de relação vão em seguida se construir com os pacientes, os monitores, mas também com os animais e as máquinas. Cada um desses conjuntos deve ser suscetível de produzir ou de constituir vetores de cuidado, vetores de tomada de consistência existencial para os psicóticos que, precisamente, estão em fase de descompensação ontológica. Contentar-nos-emos com a constatação passiva: “Tudo está muito bem, não se está só em um cara-a-cara com o paciente, há outras inter-relações”; ou, pelo contrário, trabalharemos as linhas de virtualidade maquínicas contidas nos diferentes subconjuntos? Se considerarmos que a cozinha é um foco autopoietico de subjetivação, será muito importante tomar conta do seu espaço, de suas dimensões

arquiteturais, a fim de favorecer as trocas, a fim de que ela não se torne uma cidadela fechada em si mesma. Hoje, nos hospitais, são caminhões que, de fora, trazem os pratos já prontos. Não há máquina de subjetivação. Uma máquina-cozinha implica certo tipo de espaço, mas também certo tipo de formação e de troca para as pessoas que nela trabalham. Os cozinheiros devem poder ir e vir nas outras ocupações para conhecer as posições de alteridade de diferentes postos de trabalho. É uma máquina complexa, um sistema de interfaces. Eu diria a mesma coisa para todos os outros serviços. A condução de automóvel, por exemplo, é um momento muito importante para os psicóticos. Um psicótico pode ser incapaz de manter uma conversa, mas inteiramente capaz de dirigir. Haveria então uma composição subjetiva em função da tomada de consistência de diferentes conjuntos. Ao passo que alguns entre eles perdem sua consistência, outras [consistências] poderão aparecer. Também pode se colocar o problema de uma perda de consistência geral, uma vez que ingressamos em relações de serialidade de natureza etnológica, provocando estados de selvageria inter-humana tal como estes existem em hospitais tradicionais.

A posição autopoietica e “hipertextual” da máquina possui uma potencialidade pragmática; ela permite adotar uma atitude criacionista, de composição maquinaica, diante dessa grade de ferro ontológica que separa o sujeito de um lado e as coisas

do outro. dessa grade de ferro ontológica que separa o sujeito de um lado e as coisas do outro.